

# O fator estético no turismo urbano

O EST. SP.  
SVPL. VIAGEM  
27/2/07

Antonio Silveira  
Ribeiro dos Santos

**A**o falarmos em turismo urbano, logo vêm à mente grupos de turistas boquiabertos em museus ou reunidos em obeliscos e praças. Mas e as cidades em si? Não podem ser atrativos turísticos por suas belezas cênicas e estéticas? É lógico que sim.

Na época medieval, os administradores não se preocupavam em tornar as cidades limpas e bonitas. Eram verdadeiros amontoados de pessoas dis-

tribuídas em casas construídas sem preocupação estética. Com o Humanismo, porém, as cidades começaram a ser observadas como conjuntos de habitações importantes para a qualidade de vida dos habitantes. Mas foi apenas no início do século 20 que o urbanismo tomou forma como disciplina científica, principalmente nos Estados Unidos e na Europa. E, assim, tornou-se forte a percepção de que era preciso reformular as cidades, que deixaram de ser aglomerados disformes para virar conjuntos de edificações planejadas de acordo com a necessidade funcional.

No Brasil, destacou-se inicialmente o trabalho do urbanista francês Donat Agache, que elaborou planos para cidades

como Rio, Santos e Curitiba. Ele tinha como base três aspectos: o saneamento, o descongestionamento do tráfego e a disposição de órgãos públicos. Propunha também a criação de áreas verdes, o que mostrava preocupação com o embelezamento.

Em São Paulo, a Cia. City trouxe grandes novidades, integrando áreas verdes e ruas de traçados sinuosos, com projeto do arquiteto inglês Georges Dodds. Isso ocorreu em bairros como Pacaembu e Alto da Lapa.

A estética passou, então, a ser valorizada, tornando-se um dos objetivos do urbanismo moderno. E as cidades começaram a ser merecedoras de proteção, por constituírem patrimônio cultural.

Nesse novo conceito, a estéti-

ca urbana é primordial para o bem-estar da população. Os aspectos de seu traçado precisam mostrar equilíbrio e harmonia, seus prédios devem formar um conjunto condizente com a cultura de sua população e seus logradouros públicos têm de estar limpos e acessíveis.

Os elementos naturais devem ser aproveitados de forma a harmonizarem-se com a arquitetura. Dessa forma, a cidade que valoriza seus aspectos paisagísticos, panorâmicos e monumentais, em harmonia com sua malha viária e suas construções, terá um potencial excepcional.

Além de trazer sensação de bem-estar para sua população, pode se tornar local atrativo para os turistas, que terão o pra-

zer de contemplar uma urbis agradável de se ver. Aliás, já há cidades no Canadá e na Suíça, por exemplo, que exploram turisticamente esse potencial estético.

É possível concluir que a estética urbana pode agregar valor turístico a muitas cidades brasileiras, tornando-as pólos atrativos. Mas para isso é necessário o envolvimento de todos os segmentos, principalmente o poder público, a hotelaria e a indústria. Sem falar na sociedade. Pensem nisso. ●

✳ **Antonio Silveira Ribeiro dos Santos**

Criador do Programa Ambiental: A Última Arca de Noé  
([www.ultimaarcadenoe.com](http://www.ultimaarcadenoe.com))